

Nomadismo pós-moderno

Michel MAFFESOLI. **Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro, Record, 2001. 205 páginas.

Leo Vinicius Maia Liberato ¹

A pós-modernidade está se constituindo em torno da idéia de enraizamento dinâmico, a partir de uma vagabundagem existencial que se desenrola a partir do oco, da “sede do infinito” e do desejo de outro lugar. É essa a tese central de Michel Maffesoli desenvolvida em suas implicações no livro *Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas*, originalmente publicado em 1997 e lançado em 2001 no Brasil pela editora Record.

O seu estilo fluido, em parte resultado do uso de idéias ao invés de conceitos, pode fazer o leitor se perguntar se de fato o livro que está a sua frente não é obra acima de tudo de um escritor mais do que de um sociólogo. A dinâmica, propriedade que faz com que o autor prefira as idéias aos conceitos, está no próprio âmago dos temas centrais dessa obra: nomadismo e errância.

Partindo de uma posição fenomenológica, o discurso de Maffesoli se desenvolve e se constrói com base no que ele chama “lógica contraditorial”, uma dialética onde os opostos permanecem em contínua tensão, sem síntese, e na qual a idéia de progresso, tão cara à maioria dos pensadores do século XVIII e XIX, se faz ausente. Embora tenha incorporado essa lógica por influência da física moderna, essa dialética de dois termos, também denominada dialética antinomista ou trágica, é própria de pensadores antigos e modernos como Zoroastro, Heráclito, Proudhon e Nietzsche. Na dialética antinomista, as antinomias não se resol-

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina.

vem, são complementares e irreduzíveis. Há uma oscilação ou antagonismo suscetível apenas de equilíbrio dinâmico, idéia também presente em Maffesoli.

O par antinômico nomadismo-sedentarismo se expressa e constitui um “dado mundano”, ganhando a forma de uma espécie de “enraizamento dinâmico”. E segundo o autor, “ainda será preciso que os dois pólos dessa ambivalência possam se articular harmoniosamente” (p.103). De qualquer forma, é sobre um desses pólos, o nomadismo, e suas implicações que é dedicada a obra em questão.

Tendo se tornado preponderante na modernidade, o sedentarismo, a territorialização individual (identidade) ou social (instituição) estariam dando lugar ao nomadismo e à errância. Seguindo uma dialética, “como o vaivém das peças que dão equilíbrio às máquinas, aquele [pólo] que se descuidou retoma a importância” (p.103).

A pós-modernidade se caracterizaria assim, entre outras coisas, pela volta de determinados arcaísmos, entre os quais o nomadismo. Com uma espécie de “metafísica sociológica” (segundo suas próprias palavras), Maffesoli pretende comprovar que a errância e o nomadismo, sob diversas variações, tornam-se um fato cada vez mais evidente.

Mas afinal, o que é esse nomadismo de que fala o autor? O que são essas vagabundagens pós-modernas? Por se tratar de uma idéia, e não de um conceito, a resposta não pode ser dada em poucas linhas. Nas palavras do autor: “Trata-se de uma tendência geral de uma época que, por uma volta cíclica dos valores esquecidos se liga a uma contemplação daquilo que é” (p. 28). Um reinício da “circulação” que atravessa a vida cotidiana, após o fechamento praticado durante toda a modernidade.

O homem pós-moderno estaria impregnado de errância, que transparece por exemplo nas migrações do trabalho e do consumo, nas migrações sazonais do turismo e das viagens e nas migrações induzidas por desigualdades econômicas. Mas a idéia de nomadismo e de errância desenvolvidas por Maffesoli se referem principalmente à não fixação numa profissão, numa identidade,

numa família ou mesmo num sexo. Uma “sede do infinito”, que põe em movimento. Uma busca do Graal, da aventura, do invisível, daquilo que não se sabe ao certo o que é. A errância possui assim um lado místico, que é também de “religação”.

“A errância, finalmente, é apenas um *modus operandi* que permite abordar o pluralismo estrutural dado pela pluralidade de facetas do “eu” e do conjunto social. E também um modo de vivê-lo. Em seu sentido mais estrito é um “êxtase” que permite escapar simultaneamente ao fechamento de um tempo individual, ao princípio de identidade e à obrigação de uma residência social e profissional. Êxtase anteriormente possível acomodar na ordem de um religioso separado, ou que se relegou a um passado superado, mas que contamina, vagarosamente, o conjunto dos fenômenos sociais. Êxtase que está na origem das epidemias de massa, esportivas, musicais, religiosas, políticas, culturais” (p. 113).

O nomadismo e a errância se relacionam ainda com a pluralidade de valores e a pluralidade de papéis. Eles levam a um “politeísmo de valores”, e a multiplicidade de valores levaria por sua vez a uma errância estrutural, à variação permanente de papéis desempenhados pelo indivíduo. O politeísmo de valores seria assim causa e efeito de uma vida errante. Uma vida que levaria ao encantamento pessoal e a um reencantamento do mundo.

O habitante das megalópoles seria, em certo sentido, um novo tipo de nômade, um errante que muda de aparência e de papéis na “vasta teatralidade social” (p. 90).

Paradoxalmente ao tribalismo (outro arcaísmo retomado na pós-modernidade) com seu sentimento de pertencimento a partir do local, o nômade seria o não-ser, o oco, o vazio, o dinâmico. E é ele, o nômade, o não-ser, a ausência de estabilidade do ser, a ausência de substancialidade existencial, que se tornaria *evidente* na pós-modernidade.

Uma das características do nomadismo pós-moderno estaria na ênfase dada à dimensão qualitativa da existência. Nesse sentido, Maffesoli frisa que o nomadismo não é determinado unicamente pela necessidade econômica ou por uma simples funcionalidade. O que o move é o desejo de evasão. “É uma espécie de ‘pulsão

migratória' incitando [o indivíduo] a mudar de lugar, de hábito, de parceiros, e isso para realizar a diversidade de facetas de sua personalidade" (p. 51). Em suma, um desejo de outro lugar.

No início do primeiro capítulo, ao tratar da "pulsão da errância", o autor descreve o desejo da errância como "sede do infinito". Essa pulsão aparece aí como resposta a um tédio existencial. Maffesoli, como que num suspiro, afirma que, "em breve, quando não houver fome, vai-se morrer de tédio ou desespero" (p. 21). A pulsão da errância seria, portanto, resposta a um mundo que não satisfaz mais. Com base nisso, o autor percebe que "talvez não seja mais admissível opor uma errância elitista, a do *jet-set*, a uma errância da pobreza, a da imigração à procura de um trabalho ou em busca da liberdade" (p.132). Ambas têm sua parte de miséria, existencial para os primeiros, física para os últimos, tornando-os parte de um mesmo nomadismo e fundamentando uma concepção de vida eminentemente presenteísta.

A necessidade da alma de se realizar e se afastar do lugar-comum, de empreender novas aventuras e explorar novos horizontes desempenharia também seu papel na pulsão da errância. O errante, contudo, também busca "escapar da solidão gregária própria da organização racional e mecânica da vida social moderna" (p. 70). A personalidade forte, enraizada num mimetismo, que é própria do tribalismo contemporâneo, seria assim um modo de tentar escapar dessa solidão.

Embora a descrição feita por Maffesoli do nomadismo pós-moderno e de suas implicações acabe construindo uma imagem quase idílica desse fenômeno, sua natureza trágica é pontuada ao longo do texto. Trata-se do aspecto trágico que está contido em toda partida, no desaparego, no adeus, no sentido de provisório, no acaso, na impermanência das coisas, das pessoas e das relações.

Além de um capítulo inteiro (dos cinco capítulos do livro) dedicado ao nomadismo como fundador, *Sobre o Nomadismo* é, no todo, quase um tratado sobre a idéia de nomadismo como fonte de estruturação social. Esse aspecto do nomadismo é abordado e acentuado a partir de diversas perspectivas.

O nômade, para além de uma estrutura de base, de uma constante antropológica, seria também fundador. Mesmo que

com variadas modulações, o desejo de errância é visto pelo autor como um dos pólos fundadores de qualquer estrutura social. O exemplo mais claro, por ser talvez um dos mais extremos, é a constante busca dos Guaranis pela “Terra Sem Mal”, observada por Pierre Clastres e aludida na obra.

Segundo Maffesoli, a errância favorece um ato fundador. E quando segue e afirma que “a anomia e a efervescência são fundações sólidas de qualquer nova estruturação” (p.54), ou que “o anômico de um momento favorece o canônico de amanhã”, se torna nítida a similaridade da dialética anômico–canônico que permeia sua obra com o conceito termodinâmico de *ordem por flutuação*, trazido a um público mais vasto por Prigogine e Stengers². Inclusive, “a aparente desordem, corrigindo, matizando aquilo que uma ordem simples tem de altamente constrangedor, leva a uma ordem mais complexa. Integra em uma globalidade orgânica o que um funcionalismo de vistas curtas tinha vetado por considerar muito anômico” (p.131).

O nomadismo como fundador também encontraria ressonância na edificação do Brasil. Para o autor, é em grande parte por causa da “miscigenação” que caracterizou Portugal, assim como pelo seu imaginário coletivo de aventuras e expedições, que Portugal pôde edificar o Brasil nas condições conhecidas.

Na base de toda estruturação social se encontraria ainda a tensão entre um lugar e um não-lugar (um *topos* e um *u-topos*). Essa dialética faria com que uma estrutura estável tivesse necessidade do seu contrário (o nomadismo) para “dar força à existência” (“ex-istência”, como impermanência, mudança contínua). Esse nomadismo fundador encontraria um paralelo com um “nós” transcendente, que é próprio, por exemplo, do povo judeu, povo desterritorializado que encontrou na dinâmica a garantia de uma base para uma longa duração. A “dinâmica” teria dado a esse

² “Tal como não admite a oposição entre acaso e necessidade, o conceito de ordem por flutuação não supõe, portanto, a distinção (tradicional em certas escolas sociológicas) entre funcional e disfuncional: o que num dado momento é desvio insignificante em relação a um comportamento normal pode, noutras circunstâncias, ser fonte de crise e de renovação”(Prigogine e Stengers, 1997:141).

povo uma base muito mais sólida do que poderia dar a “estática” do território.

Em outra perspectiva, o nomadismo se faz fundador na medida que “é pela circulação do sentimento que uma comunidade continua a existir” (p. 130). A errância não utilitária, paradoxalmente, geraria instituições estáveis sem as quais as sociedades não perdurariam. A circulação de sentimentos introduziria, por exemplo, a circulação de bens. E por sua vez, a troca seria fator de agregação social.

A dialética anômico–canônico aparece em *Sobre o Nomadismo* muitas vezes na forma de uma dialética destruição–construção. De certo modo, mais uma vez, trata-se da inclusão do anômico na dinâmica de mudança e criação/construção social. O anômico ganha assim uma funcionalidade. A destruição, especificamente, para o novo. Seria essa uma inspiração bakuniana no pensamento de Maffesoli? O russo, enfático em afirmar que a paixão de destruição é também uma paixão criadora, certamente leria com gosto o trecho abaixo de *Sobre o Nomadismo*:

“O próprio da mudança é ser dolorosa e essencialmente traumática. Socialmente, ela se exprime através de tensões graves, e destruições de toda ordem a acompanham. É no vazio dessas destruições que se aninha a elaboração daquilo que está para nascer” (p. 60).

Maffesoli afirma ainda que a dialética destruição–construção expressa a vida no seu sentido soberano. A vida, portanto, é apreendida essencialmente como ruptura, movimento, mudança.

Por fim, o autor atribui ainda uma “função” (entre aspas pelo próprio autor) à errância. Embora em relação ao instituído a errância signifique uma imperfeição, é ela que permitiria ao mesmo tempo se ter a intuição da perfeição.

Porém, mais do que atribuir uma funcionalidade ao que era até então visto como disfuncional ou anômico, talvez Maffesoli procure mostrar nessa obra que, aquilo que por vezes é visto pela Sociologia ou por determinadas matrizes sociológicas como uma disfunção ou uma anomia que deve ser corrigida, é na verdade parte integrante da dinâmica social e da própria

dinâmica da vida. E o que o diferenciaria substancialmente neste caso das matrizes marxista e socialistas em geral, é o fato de fazer uso da idéia de anomia, não descartá-la, mas simplesmente perverter seu usual sentido valorativo na Sociologia. Se o anômico costuma vir revestido de reprovação no discurso sociológico, Maffesoli parece fazer o contrário.

Outra idéia que permeia a obra é o nomadismo e a errância como busca mística, como re-ligação, como orientalização do mundo, como “expressão de um sonho imemorial que o embrutecimento do que está instituído, o cinismo econômico, a reificação social ou o conformismo intelectual jamais chegam a ocultar totalmente” (p. 41), idéia essa contida na metáfora da busca do Graal.

Contudo, trata-se acima de tudo não de uma religiosidade no sentido vulgar da palavra, mas sim no sentido de “re-ligação” com o outro, de ideais e modos de vida que não se reduzem ao racional, ao utilitário. Uma mística e espiritualidade presente no rebelde, por exemplo. O rebelde é descrito como uma figura intemporal, que, embora com variações múltiplas, tem como característica básica uma existência essencial, de fundamento acima de tudo espiritual. O rebelde “larga a presa” e “ruma à estrela”, com o fim de guardar o sentido de um ideal. Dessa forma, o nômade é visto como vetor de uma verdadeira espiritualidade. Inclusive, segundo o autor, seria desse modo possível estabelecer uma relação entre o espírito cavaleiroso, o amor da aventura e a aventura mística.

Para Maffesoli, o fundamento das chamadas “variações sazonais da sociedade” é sobretudo *religioso*. Religioso no sentido da “ligação” com os outros e com o mundo. A errância e o nomadismo estariam assim inscritos na própria estrutura da natureza humana.

Errância, mística e um ideal comunitário se relacionam intimamente em *Sobre o Nomadismo*, relação que também transparece quando o autor afirma que “os fanatismos contemporâneos, as diversas vagabundagens e múltiplas anomias são, mesmo que inconscientemente, convocações mais ou menos violentas a um ideal comunitário” (p. 41).

A liberdade do errante seria ainda a da pessoa que busca de um modo místico “a experiência do ser”.

“Essa experiência, e é por isso que se pode falar de mística, é antes de tudo comunitária. Precisa, sempre, da ajuda do outro. O outro pode ser aquele da pequena tribo à qual se aderiu, ou o grande Outro da natureza, ou de tal ou qual divindade” (p. 70).

Nesse mesmo sentido, a errância restauraria a unidade do eu e da natureza, do eu e do outro. Restauraria conseqüentemente uma visão mais ecológica e menos racionalista e econômica do mundo.

A religiosidade ligada à idéia de procura, exílio e volta ao caminhar existencial retornaria com força, assim como os mitos, em inúmeros domínios. Dom Quixote ou os Rolling Stones, por exemplo, poderiam ser considerados como figuras paroxísticas do sonho coletivo do movimento, do desejo de outro lugar: um mito encarnado das expectativas coletivas.

Maffesoli vê o racionalismo da modernidade dar lugar a uma verdadeira orientalização (expressa por técnicas corporais, ecologia, astrologia, retiros espirituais, práticas religiosas de diversos tipos, etc.). Fruto do nomadismo contemporâneo, essa orientalização do mundo “pede emprestado a diversas civilizações elementos que o racionalismo triunfante tinha ou ocultado ou marginalizado, e disso faz o centro da sociabilidade contemporânea” (p. 69).

Enfim, a errância pós-moderna permitiria “lançar uma ponte entre o mundo contemporâneo e os valores tradicionais” (p. 112).

O estilo que Michel Maffesoli imprime à sua obra parece ser até mesmo uma defesa a qualquer sistematização, conduzindo sempre ao perigo das reduções as tentativas empreendidas nesse sentido. Não obstante, evidentemente, as teses expostas pelo autor em *Sobre o Nomadismo* não são imunes aos olhares críticos.

Segundo o autor, o nomadismo prevaleceria nas épocas em que o gozo do presente assume grande importância. O nomadismo se ligaria assim a um outro fenômeno, uma busca em viver o presente, um presentéismo que é salientado em diversas partes

de *Sobre o Nomadismo*. Postos diante do tédio e solidão que se instalam, e que geram essa “pulsão migratória” e o desejo de outro lugar, a errância e o nomadismo pós-modernos podem parecer sintomas de uma sociedade onde o presente é impossível de ser vivido, e a *festa*, por conseqüência, é sentida sempre como estando em outro lugar. O presente foi suprimido, já dizia Vaneigem (1975) se reportando à sociedade burguesa. Seria possível vivê-lo pela errância? Isto é, através da não-fixação em uma identidade, papel, trabalho, lugar, parceiro...? Ou seria apenas uma tentativa que ganha força hoje em dia para se escapar do mal-estar existencial próprio da nossa sociedade (quer se chame ela de capitalista, pós-moderna, sociedade de consumo, sociedade do espetáculo, sociedade moderna, etc., etc.)? O mesmo se pode questionar sobre o tribalismo pós-moderno e a busca de *ser* comunidade que gera esse fenômeno.

O caráter libertário que Maffesoli ressalta na tendência atual ao nomadismo e todo o quadro idílico que ele constrói ao longo do livro sobre as implicações desse fenômeno talvez demonstrem um dos pontos mais facilmente criticáveis da obra. Maffesoli parece por diversas vezes atribuir como implicação do nomadismo aquilo que de fato é apenas o desejo e a tentativa que levam ao nomadismo. Que a busca e o desejo de “valores esquecidos”, a busca e o desejo de viver o presente, a busca e o desejo de uma re-ligação se expressem hoje em dia sobretudo através do nomadismo e dos êxtases coletivos, não é o mesmo que dizer que esses fenômenos são expressões dessas realizações. Em *Sobre o Nomadismo* essa distinção não parece clara.

Pode-se supor ser em razão dessa não distinção que Maffesoli acaba atribuindo ao mundo como ele é as expectativas depositadas nele, os investimentos feitos pelos indivíduos em busca da realização dos seus desejos. Desse modo, por exemplo, “as megalópoles contemporâneas nada mais são do que uma seqüência de passagens, de derivas ‘psicogeográficas’, de possíveis aventuras de todos os gêneros” (p. 140-1). O paradoxo entre a própria idéia de “deriva psicogeográfica” – tomada emprestada dos situacionistas, e que em si mesma é uma crítica à cidade e ao

urbanismo³ – e a descrição das megalópoles como uma sequência de derivas psicogeográficas ilustra bem o risco, que corre o autor, de terminar assim por enxergar no mundo como ele é, aquilo que esse mundo de fato não é.

Referências bibliográficas

PRIGOGINE, Ilya e STENGERS, Isabelle. *A nova aliança*. Brasília: 3 ed., UnB, 1997.

VANEIGEM, Raoul. *A arte de viver para a geração nova*. Lisboa: Afrontamento, 1975.

³ No ensaio *Introdução a uma Crítica da Geografia Urbana* (que pode ser encontrado em <http://www.geocities.com/autonomiabvr/index.html> e originalmente publicado em setembro de 1955 na revista *Les lèvres nues* # 6.), Guy Debord explica que: “A psicogeografia se propunha o estudo das leis precisas e dos efeitos exatos do meio geográfico, conscientemente organizado ou não, em função de sua influência direta sobre o comportamento afetivo dos indivíduos. O adjetivo psicogeográfico, que conserva uma incertitude bastante agradável, pode então ser aplicado às descobertas feitas por esse tipo de investigação, aos resultados de sua influência sobre os sentimentos humanos, e inclusive de maneira geral a toda situação ou conduta que pareça revelar o mesmo espírito de descobrimento”. A psicogeografia era um conceito utilizado pelos situacionistas sobretudo para criticar a cidade, o urbanismo e os interesses por trás deles. Ainda nas palavras de Guy Debord, se torna claro que a realização das possibilidades psicogeográficas é obra de uma utopia urbanística e não do urbanismo atual: “Hoje o principal problema do urbanismo é resolver o problema da circulação de uma quantidade rapidamente crescente de automóveis. Podemos pensar que o urbanismo vindouro se aplicará a construções, igualmente utilitárias, que concedam a maior consideração às possibilidades psicogeográficas.”